

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

ÁVILA, Maria Betânia de Melo. Maria Betânia de Melo Ávila (depoimento, 2012). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (0h 51min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre FUNDAÇÃO FORD e FUNDAÇÃO FORD. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Maria Betânia de Melo Ávila
(depoimento, 2012)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira;

Levantamento de dados: Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira; Verônica R. Bevilacqua Otero Spicer;

Pesquisa e elaboração do roteiro: Helena de Moura Aragão; Lúcia Lippi Oliveira;

Técnico de gravação: Bernardo de Paola Bortolotti Faria; Marco Dreer Buarque;

Local: Olinda - PE - Brasil;

Data: 23/04/2012

Duração: 0h 51min

Arquivo digital - áudio: 1; Arquivo digital - vídeo: 1; MiniDV: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Memória de um Office na periferia: o Escritório da Fundação Ford no Brasil”, desenvolvido em convênio com a Fundação Ford, entre janeiro de 2011 e julho de 2012, com o objetivo de constituir um acervo de depoimentos histórico-documental sobre os 50 anos da atuação da Fundação Ford no Brasil e a posterior disponibilização dos depoimentos gravados na internet.

Temas: Anos 1990; Congressos e conferências; Desigualdade social; Direitos humanos; Discriminação racial; Discriminação sexual; Discriminação social; Europa; Feminismo; Fundação Ford; História de empresas; Militância política; Mulher; Organização das Nações Unidas; Pernambuco; Pesquisa científica e tecnológica; Política científica e tecnológica; Políticas públicas; Programas sociais; Relações internacionais;

Sumário

Entrevista 23 de abril de 2012: A história do SOS Corpo - Instituto Feminista para Democracia, no Recife; o impacto da experiência na Europa em sua militância feminista; as áreas de atuação do SOS Corpo e o começo da relação com a Fundação Ford; a luta na questão do controle de natalidade; a participação da Fundação Ford nos trinta anos de história do SOS Corpo; a citação do SOS Corpo no livro de 40 anos da Fundação Ford; a importância do apoio da Fundação Ford; a relação entre pesquisa e militância; a Rede Saúde de Direitos Reprodutivos e Direitos Sexuais; a área de saúde da mulher nos anos 1990 em termos de políticas públicas; o ciclo de conferências da Organização das Nações Unidas (ONU) nos anos 1990 e o impacto nas relações internacionais do movimento feminista brasileiro; a entrada de Nilcéa Freire na Fundação Ford; a democratização do movimento feminista e a discussão sobre questões raciais, sociais, econômicas e sexuais.

Entrevista: 23/04/2012

L.O. – Nós vamos conversar com Maria Betânia Ávila a propósito do SOS Corpo e dessas outras organizações que foram sendo criadas aqui no Recife, em Olinda e que, vamos dizer assim, fizeram uma parceria longa com a Fundação Ford. Nós estamos comemorando os cinquenta anos da Ford no Brasil e um pouco, então, de como é que foi essa parceria, esse intercâmbio entre a Fundação Ford, essa agência norte-americana e determinados movimentos e organizações no Brasil. Agora, só para a gente começar, Betânia, antes de falar da Ford propriamente dita e da relação da Ford com... Um pouquinho sobre a sua trajetória pessoal. Como foi a sua militância anterior à própria SOS Corpo, para situar sua...

M.A. – Olha, o SOS foi fundado do ponto de vista legal em 1981, mas em 1980 nós já tínhamos começado um pouco as reuniões, os grupos que iam resultar no SOS Corpo. Então, éramos todas militantes feministas – não só eu, mas todas as outras pessoas. Em 79-80, nós participávamos – algumas antes – de um grupo feminista aqui do Recife que se chama Grupo Ação Mulher. Esse Grupo Ação Mulher na verdade é um grupo a partir do qual outras organizações feministas nasceram aqui em Recife. Então ele é uma espécie de grupo matriz. Eu, Sônia [Correa], todas que fazem parte do SOS militavam nesse grupo. Era um grupo que vinha já de mulheres que tinha se organizado no movimento pela anistia. Bom, eu estava fora e outras pessoas também estavam fora. Quando eu cheguei... Então o Ação Mulher existia desde 1977-78 e nós éramos vindas de vários lugares, de várias experiências. E foi um grupo de militância superimportante na vida do feminismo aqui do Recife e daqui de Pernambuco e, eu acho, no Brasil. Quer dizer, então, quando nós fundamos o SOS, não só eu, mas todas as outras pessoas vinham de uma trajetória de militância feminista. Na verdade eu acho que tem não só o SOS, mas eu acho que as organizações que nascem no começo dos anos 80 e durante os anos 80, algumas nascem para apoiar, subsidiar o movimento, e outras nascem do movimento. Quer dizer, no caso do SOS Corpo ele se forma a partir do movimento. Nós éramos militantes feministas e que em um determinado momento de nossas vidas... Eu estou em nós, porque eu prefiro falar em nós do que falar de mim, porque afinal de contas eu não fundei o SOS sozinha. Então é uma trajetória coletiva.

L.O. – É uma geração.

M.A. – É uma geração, exatamente. Então essa decisiva de transformar aquela militância, associar aquela militância a um projeto profissional, fazendo disso uma organização política e profissional foi uma decisão de várias pessoas, de várias mulheres que já tinha suas trajetórias de militância em várias direções da militância por democracia tanto feminista quanto outras. Então, foi uma decisão que se tomou coletivamente que o SOS foi se construindo na medida das possibilidades. Mas as fundadoras do SOS tinham clareza de que queriam constituir uma organização de trabalho. Então é isso. Quer dizer, a minha participação como fundadora dessa instituição, ela vem como consequência de uma trajetória feminista vivida aqui, vivida no exterior, vivida em outros lugares.

L.O. – Isso que eu lhe perguntar: o tempo no exterior foi fundamental para a militância feminista ou ela já existia antes dessa experiência fora?

M.A. – Não, eu acho que ela foi fundamental. Eu acho que talvez já existisse, assim, alguma rebelião interna, algumas leituras, algum interesse por essa dimensão também da questão da vida das mulheres, da transformação. Mas é com a experiência vivida que isso se torna uma coisa mais forte, mais profunda mesmo, uma coisa que acabou envolvendo não só a minha opção de militância política, mas acabou envolvendo a minha vida profissional. Eu sou socióloga e eu já trabalhava com pesquisa, mas a partir do SOS eu continuo trabalhando com pesquisas, continuo trabalhando como socióloga, mas de uma maneira inextricável entre a minha militância política como feminista e a minha vida como profissional.

L.O. – Só mais uma coisinha, você viveu fora na Europa ou nos Estados Unidos?

M.A. – Vivi na Europa.

L.O. – [riso] Eu estou tirando a saca-rolha, as informações dela...

M.A. – Eu vivi na França, mais precisamente.

H.A. – As áreas de atuação do SOS, pelo menos o que a gente pesquisou, eram educação, pesquisa, assessoria, comunicação, memória. Sempre foram essas áreas? E eu queria que você falasse um pouquinho desse começo da relação com a Ford, porque, pelo visto, foi logo no começo, foi logo nos primeiros anos... E como essa relação com a Ford contempla mais uma área ou outra de interesses de vocês, enfim.

M.A. – Então, o primeiro financiamento foi Fundação Ford. Então a Fundação Ford tem uma relação absolutamente original no sentido de que quando nós resolvemos fazer os dois primeiros projetos, foram projetos de pesquisa sobre esterilização feminina aqui em Pernambuco e um projeto de educação – que a gente sempre chamou de educação feminina, educação feminista popular voltada para as mulheres dos bairros populares do Recife. Esses dois projetos foram os primeiros financiamentos do SOS. Então era na área de saúde da mulher, na área de contracepção, que depois a área veio a ser conceituada como direitos reprodutivos, direitos sexuais, inclusive como consequência da própria trajetória das organizações feministas incluindo o próprio SOS Corpo. Mas naquele momento nós tínhamos, mesmo na época da militância, um trabalho forte sobre a questão do corpo das mulheres, mas nós tínhamos uma luta muito profunda naquele momento contra o controle de natalidade que era feito pelos organismos internacionais. Então tinha uma luta contra o controle da natalidade e pela cidadania das mulheres na área da reprodução e da sexualidade. E nós trabalhávamos muito fortemente com isso tanto em termos de militância como nós já íamos para grupos de comunidade e foi aí que surgiu a ideia de fazer isso um trabalho... Nós tínhamos clareza que nós queríamos continuar na militância feminista, mas nós tínhamos clareza também que nós queríamos fazer um trabalho com as mulheres dos setores mais pobres da população, com as mulheres trabalhadoras. Nós, desde aquele momento, acreditávamos que um feminismo exclusivamente de classe média no Brasil não levaria a luta muito adiante. Quer dizer, nós tínhamos não só uma questão... Eu acho que naquele momento tínhamos uma clareza do que hoje se diz: desigualdade de gênero, desigualdade de classe, e que depois vem também a questão da desigualdade de raça. Mas naquele momento a nossa grande luta era justamente era lutar contra o controle de natalidade que espoliava o corpo das mulheres, sobretudo das mulheres pobres da população e que depois o movimento das mulheres negras e feministas vem colocar que era não só a questão da pobreza, mas era a questão de raça também. Então, esses dois projetos iniciais – um projeto educativo e um projeto de pesquisa – foram

absolutamente fundamentais não só porque trouxeram recurso que permitiu começar a construir a primeira equipe, o primeiro trabalho sistemático, a primeira base mesmo de um trabalho profissionalizado, mas porque foram dois trabalhos que trouxeram legitimação tanto no campo da produção do conhecimento, porque essa pesquisa sobre esterilização – que inclusive foi coordenada pela Sonia Corrêa – teve um papel fundamental naquele momento porque o nordeste era alvo das políticas de controle da natalidade. Então foi uma pesquisa qualitativa que não só revelava isso, mostrava isso, legitimava inclusive a luta contra isso, mas também trouxe muitas questões de como era a vivência das mulheres nesse processo e como era de fato que agiam as agências de controle de natalidade. E lançou de uma certa maneira... Não foi só o SOS que lançou, mas o SOS foi uma das organizações que lançou naquele momento esse problema da esterilização massiva, do uso da contracepção, da pílula, que é a segunda pesquisa sobre contracepção também apoiada pela Fundação Ford e que de fato coloca na agenda do feminismo brasileiro, da política pública as questões ligadas ao que vem depois se nomear de direito reprodutivo. E a outra coisa do projeto educativo também que foi uma base de legitimação muito importante porque foi um momento em que o SOS pode realmente investir de uma maneira sistemática nesse trabalho de educação para cidadania que até hoje existe no SOS Corpo, se legitimar junto às mulheres da população e... Então, são dois projetos que asseguraram recursos financeiros, asseguraram possibilidades de trabalho, asseguraram transformar as questões feministas sobre a questão do corpo e da sexualidade realmente em questões políticas importantes. Então foi fundamental para a existência do SOS Corpo. Agora, em termos de campo de trabalho, de temas, os direitos reprodutivos e os direitos sexuais – primeiramente, fundamentalmente os direitos reprodutivos, mas depois vem a questão dos direitos sexuais (não que eles não tivessem antes, era porque antes o conceito só falava de direitos reprodutivos) – sempre foi uma área de trabalho muito forte dentro do SOS, mas nunca foi a única *agenda* do SOS. A Ford, ao longo desses anos (nós continuamos até hoje tendo financiamento da Fundação Ford)... Então, foi nesse campo que majoritariamente a Ford financiou o SOS; no campo dos direitos reprodutivos, no campo dos direitos sexuais. Mas o SOS tem outras áreas de trabalho. A gente tem um trabalho forte sobre a questão do trabalho produtivo e do trabalho reprodutivo e dentro disso a gente tem uma ação muito importante desde a origem do SOS também junto à luta e à questão da cidadania das trabalhadoras domésticas, das empregadas domésticas, esse é um campo de ação forte no SOS. Dentro desse campo que nós chamamos de trabalho produtivo e reprodutivo, a questão do trabalho doméstico

no Brasil e especificamente a questão do trabalho doméstico remunerado é uma área de muito investimento político e de produção de conhecimento do SOS também, não é? A gente tem pesquisas sobre isso e trabalha muito com o sindicato das empregadas domésticas, das trabalhadoras domésticas, com a federação. Uma outra área de trabalho é a questão da violência, não é? Inclusive, o SOS foi a primeira organização que criou a... Depois se tornou mais socializado, mais disseminado, mas o primeiro observatório da violência contra as mulheres, quer dizer, a construção sistemática de dados. Então: violência, trabalho, direitos reprodutivos, direitos sexuais são áreas fundamentais do trabalho do SOS Corpo.

H.A. – Vocês comemoram trinta anos de instituição ano passado, não é? Eu queria que você falasse um pouquinho de pontos destacados dessa trajetória que a Ford tenha participado. Uma curiosidade minha é se a Ford ajudou vocês a participar dessas conferências internacionais de Cairo, de Beijing ou se vocês já iriam de qualquer maneira, enfim...

M.A. – Olha, a Ford, ao longo desses... Nós estamos com trinta e um anos agora, quer dizer, o SOS Corpo está com trinta e um anos de Fundação. Bom, eu acho que a primeira coisa é que o fato de ter renovado financiamentos, financiamentos continuados, eu acho que só em um determinado momento teve um lapso de tempo não tão longo... Mas ao longo desses trinta e um anos realmente a Ford... Nós tivemos projetos continuados com a Fundação Ford.

H.A. – Impressionante mesmo a regularidade. Eu tenho aqui os anos: 82, 83, 85, 86, 87, 89, 90, 93, 95, 97, 99, 2001, 2003, 2005, 2006, 2009 e 2011.

M.A. – É, então há uma continuidade e essa continuidade, evidentemente é um fator que contribui para a nossa sustentabilidade junto com outros apoios, aportes de outras instituições. Mas isso em si já é um... Quer dizer, na verdade isso possibilitou... Como sempre foi majoritariamente nesse campo dos direitos reprodutivos, direitos sexuais, eu não tenho de memória agora se exatamente, para um determinado acontecimento, para uma determinada conferência, mas o fato é que essa continuidade permitia que nós estivéssemos trabalhando nesses momentos e evidentemente construindo coisas para esses momentos. Então, independente de ter pago a passagem ou não para um determinado evento, o fato de contar com recursos, naquela época, para essa área de trabalho. Mas o que eu tenho certeza é o seguinte:

além dos projetos continuados, projetos de educação e projetos de pesquisa, a Ford também nos apoiou em seminários extras – alguma coisa que a gente queria fazer de grande importância mas que não tinha um recurso próprio na rubrica, para viagens também, para encontros feministas. Eu não posso lhe dizer exatamente quais, mas encontros internacionais feministas, encontro de direito reprodutivo. Ao longo do tempo nós também contamos com esses aportes específicos ou para realizar-se atividades específicas que não estavam nos projetos, ou para a nossa possibilidade de estar na arena internacional. Com certeza nós tivemos apoio para isso também. Uma coisa que eu acho importante, e para o SOS é muito importante por isso vou salientar, é que nós fundamos ao longo desses anos todos... O SOS começar, e tem conservado, o trabalho de educação, essa área de pesquisa e produção de conhecimento – que tanto é pesquisa quanto produção de textos de reflexão mais teórica, também muitas cartilhas, isso e aquilo – e uma área de memória, de documentação. Nós sempre tivemos uma biblioteca que é aberta para os movimentos, para a universidade, especializada em feminismo. Agora com a internet, ela perde um pouco a importância, apesar de que ela é importante inclusive porque ela é um acervo da maior importância. Mas teve um papel fundamental no acesso à literatura feminista aqui na região. E o que eu queria salientar também de importância é o seguinte: foi sempre um projeto associar o trabalho profissional ao trabalho da militância, mas dentro desse trabalho o SOS sempre teve também como uma prerrogativa esse campo da produção de conhecimento e da pesquisa que não é uma coisa tão fácil no Brasil fora das universidades. Já não é tão fácil dentro das universidades, fora da universidade é muito mais difícil. Eu queria salientar também que nós tivemos apoio no começo, nos primeiros anos de apoio da Ford, um investimento na construção dessa área de produção de conhecimento dentro do SOS. Foi super importante apostar nisso também porque nós realmente construímos esse campo e eu queria salientar. Nós sempre trabalhamos com a coisa da comunicação, mas nos últimos anos a comunicação também se tornou um outro campo estratégico porque o campo estratégico era pesquisa, educação e o centro de documentação. Tudo isso ligado à ação política. Nos últimos anos, a comunicação se transformou também em uma área estratégia do SOS e aí, mais uma vez, a Ford começou a investir nessa nova área estratégica do SOS que foi a comunicação. Então, eu queria salientar isso.

H.A. – E como que está investindo nessa área?

M.A. – Nós estamos com projeto na área de comunicação apoiado pela Fundação Ford atualmente. Então, eu queria salientar que o financiamento da Ford foi muito importante para os campos temáticos que o SOS trabalhou e trabalha, mas também foi importante para a constituição da sua qualificação e do seus campos de trabalhos, quer dizer, das suas áreas disciplinares de trabalho, do desenvolvimento institucional mesmo, da qualificação do campo da educação, da qualificação do campo da pesquisa, agora da qualificação do campo da comunicação.

H.A. – Agora, interessante observar que essa continuidade toda... Esse artigo do livro dos quarenta anos, eu vou até ler aqui o que eles falam do SOS Corpo que eu achei muito significativo: “O SOS Corpo, Gênero e Cidadania, a primeira ONG feminista do Brasil a trabalhar com saúde da mulher, é o grupo que melhor ilustra os objetivos da Fundação Ford. Fundado em Recife em 1980, o SOS Corpo recebeu apoio dessa agência de fomento desde 1982 e exerceu importante papel na elaboração, implantação e monitoração de políticas públicas no âmbito local, estadual e nacional. Sua agenda de pesquisa, ação e intervenção comunitária, bem como sua capacidade de articulação com outras ONGs e analistas políticos, trouxeram-lhe reconhecimento nacional e internacional”. Achei interessante primeiro por essa questão do apoio ser recorrente que não é tão comum, como a gente tem observado aqui com os donatários que a gente tem entrevistado, e essa questão também de ser uma instituição do nordeste que melhor representa os objetivos da Ford no Brasil, não é? Eu não sei... Quando a gente conversou com Ondina Leal que foi *program officer* dessa área anos depois, ela falou que na época dela ela lutou muito para essa descentralização também de recursos pelo Brasil porque estava muito focado no sudeste e tal. E esse apoio continuado vinha lá de trás com vocês, não é? Então, qual é o significado disso, assim, de uma agência internacional desde o começo apoiando uma instituição daqui...? Enfim, é uma questão importante para vocês isso?

M.A. – É, eu acho que é importante em dois sentidos: eu acho que é muito importante do ponto de vista da Ford... Isso que eu já falei, esse apoio tem o maior significado para a nossa trajetória, para a trajetória do SOS. Do ponto de vista do SOS Corpo, eu acho que é muito legal, inclusive a forma que está aí, porque eu acho que é a coisa do reconhecimento. Realmente o SOS tem um investimento muito profundo na sua capacidade de trabalho, na sua ação local e nacional. Então, na verdade, eu acho que o SOS Corpo conseguiu alguma coisa que não é muito fácil no

Brasil que é ser uma organização situada no nordeste, mas ser uma organização que tem uma influência e uma visibilidade e um reconhecimento de trabalho no plano nacional. Evidentemente que é uma consequência de uma responsabilidade, de um investimento, uma forma de trabalho do SOS. Mas evidentemente também que os parceiros e as parceiras acreditaram, reconheceram e investiram nisso, não é?

L.O. – Pelo o que você está falando aí, Betânia, uma coisa interessante é que o SOS não deve ter padecido de um certo conflito entre militância e pesquisa que tem em algumas outras instituições. As pessoas contam: “Chegou um momento que passa haver uma tensão entre...”. Pelo o que você está contando isso não foi a marca dentro do SOS Corpo. Pesquisa e militância estavam caminhando juntas ou é impressão?

M.A. – É, não, a gente nunca teve esse conflito. Eu acho que nós temos uma capacidade, lá no SOS, de fazer com que essas coisas confluam como projeto coletivo que está baseado nisso, ao mesmo tempo a clareza da sua confluência e da sua separação. Quer dizer, nós temos uma exigência e um rigor muito grande do ponto de vista do trabalho da pesquisa, do trabalho educativo também. Então, eu acho que nessa discussão que acontece no mundo inteiro e aqui também sobre essa relação entre militância e produção do conhecimento, nós... É também uma posição política e teórica. Eu não acho que exista nenhuma produção de conhecimento que parta de um campo de neutralidade, a ideia de dizer que é neutro já é um posicionamento dentro do mundo. Mas do ponto de vista dessa relação entre militância e política, o processo é igual a como você trabalhar em uma instituição de pesquisa e ter outra militância fora. Quer dizer, elas confluem para um mesmo sentido, mas nós nunca utilizamos a ideia de uma militância política como uma justificativa de uma pesquisa menos rigorosa ou uma metodologia... Então a relação é de fato uma relação onde conflui para os mesmo objetivos, mas tendo rigor em cada campo que você atua.

H.A. – Nesse artigo do (livro de) Quarenta Anos, ele cita uma Rede Saúde, se não me engano foi uma coisa tocada por vocês ou que você é uma das fundadoras.

M.A. – Então, uma Rede Saúde é uma rede que existe até hoje, é Rede Nacional Feminista de Saúde. Ela foi fundada em um seminário convocado pelo SOS Corpo e pelo Coletivo

Sexualidade e Saúde de São Paulo. Então, o momento de sua fundação foi esse seminário. Ela foi fundada por várias organizações feministas do Brasil, mas em um seminário convocado por essas duas organizações. Evidentemente que a fundação foi resultado desse seminário, foi coletiva, envolveu organizações – naquele momento lá eu acho que tinha umas sessenta organizações. E naquele momento, na verdade, ele já era uma coisa que estava para acontecer porque já havia muita relação política entre essas organizações. E eu fui a primeira secretária executiva dessa rede. E essa rede foi fundamental na luta e na visibilidade da questão dos direitos reprodutivos. Depois ela acrescenta esse nome. Ela foi fundada como Rede Saúde e depois acrescenta Rede Saúde de Direitos Reprodutivos e Direitos Sexuais. A Rede Saúde foi a organização que liderou todo o processo de movimento de sociedade civil em relação à conferência do Cairo. Então ela foi, assim, um sujeito fundamental, estratégico, na organização não só do Brasil, mas latino-americano internacional porque nós atuamos no Cairo dentro de uma confluência muito maior de organizações latino-americanas internacionais.

H.A. – E a Ford estava participando, apoiando essa rede?

M.A. – É, a Ford apoiava grande parte das organizações, inclusive, que faziam parte dessa rede. O Coletivo fazia parte dessa rede, a Cepia¹ fazia parte dessa rede e tantas outras.

H.A. – Tem um momento interessante que eu acho que nessas entrevistas que a gente fez tanto com Rebecca [Reichmann] quanto com Ondina [Leal]... Elas citaram e o artigo também cita... Se a década de 80 foi marcada pela profissionalização das ativistas e das ONGs, que os anos 80 já foi mais complicado foi um ano meio estagnado na área de saúde da mulher especificamente.

M.A. – Os anos 80?

H.A. – Anos 90.

¹ Cidadania, Estudo, Pesquisa, Informação e Ação

M.A. – É, os anos 90 foram anos muito difíceis, eu acho, para a área da saúde e para todas as áreas. Foram anos difíceis em termos de políticas públicas, foram anos onde está no auge do ajuste estrutural do neoliberalismo no Brasil. Anos difíceis para os movimentos sociais também. Então foram anos... Eu acho que a gente só pode pensar a questão do movimento feminista, da luta por direito reprodutivo dentro do contexto mais geral porque nós não somos em separado, nós fazemos parte de um contexto maior político. No geral, os anos 90 foram difíceis. Agora, foram, por outro lado, anos do ciclo de conferências da ONU² que do meu ponto de vista teve uma... Bom, foram importantes as conferências, as plataformas de ação e outras coisas de fato não foram implementadas no mundo, mas legitimou causas, trouxe questões que até reverberam. Lógico que tem uma importância grande, mas o que eu acho que foi muito importante também foi porque ela possibilitou uma articulação internacional do movimento muito forte, de outros movimentos também. Mas eu estou falando particularmente do movimento feminista que é um movimento muito internacionalista e eu acho que as conferências, o ciclo de conferência deu muita possibilidade dessa articulação latino-americana e, além de latino-americana com outros países, quer dizer, internacional mais amplamente – o que também é uma coisa que até hoje reverbera, se mantém, quer dizer, lógico que as articulações são outras e não estão mais articuladas em função das conferências da ONU, mas com certeza as conferências e toda aquela articulação que se fez em função das conferências foi uma maneira de solidificar muito das relações internacionais do movimento feminista brasileiro.

L.O. – De alguma forma cria redes, não é?

M.A. – Exatamente.

L.O. – Do ponto de vista... Você está falando isso, quer dizer, o lado latino-americano e internacional, e do lado brasileiro também? Quer dizer, vocês tinham associação com algumas outras ONGs no Brasil, em São Paulo, Rio? Teve alguma coisa assim ou você, de alguma forma, estava daqui para fora?

² Organização das Nações Unidas

M.A. – Não, não. Exatamente. Quando eu falo da América Latina, que é um contexto internacional mais amplo, em relação ao Brasil nós tivemos sempre nesse contexto articulados com as organizações feministas brasileiras. Então não é uma coisa do SOS, América Latina e o mundo, é o SOS como parte de uma articulação brasileira. Quer dizer, a grande articulação de Cairo que já existe foi a Rede Feminista de Saúde... A articulação nacional para Beijing teve também como fruto a articulação de mulheres brasileiras que é uma das articulações mais importantes de mulheres no Brasil feminista e que vende o processo de Beijing, não é? Foi o processo de organização das mulheres brasileiras que originou desde lá a Articulação de Mulheres Brasileiras que atuou junto com a América Latina, que atuou junto com outros países do mundo nessa coisa mais internacional. Veja uma coisa, nós, o SOS Corpo, fazemos parte da Articulação de Mulheres Brasileiras e a Articulação de Mulheres Brasileiras faz parte de uma articulação latino-americana que se chama Articulação Feminista Marcosul – Marcosul no sentido de um marco a partir do sul. Muitas dessas organizações que formam a Articulação Feminista Marcosul da qual a Articulação de Mulheres Brasileiras faz parte são organizações parceiras, companheiras desde o processo de Beijing e a Articulação Feminista Marcosul foi fundada no Fórum Social Mundial. Estou dizendo isso porque eu acho que mostra como as articulações vão se transformando, ganhando novos contextos. Mas também o Fórum Social Mundial que também é um contexto de internacionalismo foi... Eu acho que foi no primeiro Fórum Social de Porto Alegre que essas organizações que já tinha relação desde Beijing e outras fundaram a Articulação Feminista Marcosul.

H.A. – O que mostra como esses eventos são importantes para esses encontros, não é?

M.A. – Exatamente.

H.A. – Tem dois momentos mais recentes que eu gostaria que você comentasse. A Ford vai trabalhando em determinadas áreas e nem sempre continua nessas áreas. Então, por exemplo, a área de governança tinha *program officers* em alguma época e de repente mudaram de foco, resolveram focar em outras coisas. Então tem ali uns ciclos que é muito saudável até. No caso da saúde reprodutiva ela não existe mais como um programa aqui do escritório brasileiro hoje em dia, mas continuam apoiando vocês e acho que outras instituições e tal. Eu queria saber se o fato de acabar essa área complicou alguma coisa para vocês ali dentro e em um segundo

momento a entrada da Nilcéa Freire, ex-ministra, que tem muita vivência nessa área, foi animadora para ter certeza de uma continuidade, de uma conversa, enfim...?

M.A. – Eu acho que a entrada da Nilcéa [Freire] para nós foi muito importante porque primeiro eu acho que a Nilcéa é uma pessoa com uma grande capacidade de trabalho, com uma enorme capacidade de articulação, uma pessoa muito sensível e com um imenso compromisso com a luta feminista. Então, sabe que estava entrando uma pessoa na Fundação Ford com o grau de compromisso que a gente sabe que a Nilcéa tem com as mulheres do Brasil, com a luta das mulheres e com o feminismo foi uma coisa fundamental. Então, para nós foi muito alentador, foi uma excelente notícia a entrada da Nilcéa. Nós já tínhamos uma relação com a Nilcéa que vinha da sua gestão como ministra, então nós sabíamos do que isso representava como compromisso para a luta das mulheres, com o movimento feminista. Em relação a essa mudança de campos temáticos que são prioritários, deixam de ser, isso é uma coisa que não é particular da Fundação Ford, isso acontece de uma maneira geral nas agências internacionais. Isso é um desafio para as organizações porque, por exemplo, a área de direito reprodutivo e direitos sexuais é uma área absolutamente estratégica e uma área que precisa avançar ainda mais, as conquistas ainda são muito iniciais. Quer dizer, realmente o campo da cidadania ainda tem um longo percurso nessa... Então de fato cria problemas, mas é uma coisa que não é particular da Fundação Ford, me parece que é uma pública mais geral de cooperação. Uma coisa que nós no SOS tentamos fazer, e eu acho que as outras organizações, é lidar com isso dentro das possibilidades do conjunto de apoios que recebe porque a nossa pauta não pode interromper a continuidade. Quer dizer, o que acontece no SOS é que quando nós não temos recurso para aquela área que é absolutamente fundamental ela tem que ser mantida com os nossos esforços próprios, mas você não pode dar descontinuidade a essas áreas. Então, o fato de as prioridades mudarem e muitas vezes, justamente, deixarem de ser prioridades alguma coisa que ainda é de fundamental importância cria impasses, cria dificuldades sem dúvida, não é? E aí, você falou da Rebecca, da Ondina também que foram pessoas extremamente importantes e se esforçaram demais. Eu lembro da Ondina... Foi um momento inclusive de redefinição. A Ondina teve uma negociação com a gente em um momento superimportante para o SOS e através de um projeto que a gente também conseguiu apoiar uma rede de organizações feministas aqui. As pessoas também fazem as instituições, não é? E eu acho que a gente tem contado com pessoas muito legais ao longo desses anos, com muita sensibilidade.

Eu também queria frisar isso porque eu acho que é importante o quanto essas pessoas também, dentro das suas possibilidades, dos seus poderes, elas criaram condições e foram sensíveis nesses processos.

L.O. – A Fundação Ford ter tido essa importância na coisa, isso ajudou vocês a terem outros financiamentos também? Vocês tiveram outras agências...?

M.A. – Olha, nós temos outras relações continuadas também. Eu acho que, ao longo desses trinta e um anos, se começarmos do primeiro... O primeiro financiamento foi da Fundação Ford, então nesse sentido ela é a mais longa de continuidade porque ela continua até hoje. Três ou quatro anos depois nós tivemos um financiamento de uma outra fundação que continua até hoje e tivemos outras de longo duração também. Quer dizer, a gente sempre conviveu com processos de longa duração e processos mais pontuais, não é?

L.O. – Certo. A gente está vendo aqui se pulamos alguma coisa que gostaríamos de falar. Ah, tem uma coisa que é do passado, mas talvez... Essa coisa que Ondina e Rebecca também comentaram do movimento feminista dizendo o seguinte... É uma frase dela: “Um problema de difícil solução era a escassez no movimento de mulheres que não fossem brancas e escolarizadas, de classe média e isso acabava afetando as políticas públicas”.

H.A. – As demandas por políticas públicas, não é? Acho que você chegou a falar rapidamente sobre isso.

L.O. – Quer disso, isso também se fazia presente dentro do SOS mulher... Você tem uma discussão sobre a posição e o papel da mulher na cidadania e a questão da discriminação racial...?

M.A. – Então, eu acho que de uma maneira geral essa é questão política para o feminismo. Eu acho que o feminismo, no geral, nasce em um grupo de mulheres dos extratos médios, em um grupo de mulheres intelectualizadas e não foi diferente no Brasil de outros lugares no mundo. Eu acho que o movimento de mulheres negras foi um movimento absolutamente fundamental na democratização do processo feminista brasileiro. Eu acho que as mulheres negras

organizadas feministas recolocam, reestruturam inclusive essa relação que eu tenho falado antes sobre a questão das mulheres e as desigualdades de classe. Aí elas trazem também a questão racial que no caso brasileiro é uma questão absolutamente estruturante da desigualdade das mulheres. Como sujeito do movimento feminista eu acho que o movimento de mulheres negras trouxe um processo de democratização desse movimento. Eu acho também que a organização das mulheres lésbicas também interpelava não só a questão das mulheres classe média intelectualizadas, mas também a questão das mulheres heterossexual. Por exemplo, a agenda dos direitos reprodutivos era muito marcada por um exercício de uma sexualidade heterossexual, são as mulheres lésbicas que vão... Mesmo que já se questionasse... Eu pelo menos acredito nisso, o movimento também é fruto disso, quer dizer, são os próprios sujeitos, as novas vozes que vão democratizando os movimentos, porque eu acho que a gente luta para democratizar a sociedade, mas os movimentos também têm dentro de si limites, não é? Então são sempre os novos ou velhos sujeitos, porque as mulheres negras organizadas remontam à épocas muito mais ancestrais do que o tempo contemporâneo. Então isso é uma coisa, nós – no SOS corpo assim como outras organizações feministas daquele momento que trabalhavam com várias questões, por exemplo, trabalhavam com a questão da saúde – já priorizávamos desde o começo a questão das políticas públicas, porque nós tínhamos – eu acho que no caso do feminismo brasileiro – uma percepção e uma perspectiva da desigualdade e da necessidade de políticas que trouxessem minimamente uma redistribuição. A gente tinha clareza que não adiantava só você lutar por contracepção, quer dizer, como ficavam as mulheres pobres? Que acessos elas tinham a isso? Então, o que eu quero dizer é o seguinte: o movimento se democratiza na medida que o movimento de mulheres negras, o movimento lésbico, o movimento das mulheres dos bairros vão transformando esse movimento em um movimento maior, em um movimento muito mais diverso, plural – refiro essa ideia da pluralidade – e que vai ter que enfrentar esses conflitos no seu interior. Isso não significa que organizações como o SOS já não tivessem desde o início essa atuação considerando que a desigualdade entre as mulheres era uma questão fundamental. Então, isso na demanda por políticas públicas, mesmo que naquele momento você tivesse referência de um feminismo internacional da Europa, dos Estados Unidos onde o feminismo se fazia em outro contexto – hoje está tudo diferente por lá, mas naquele momento o contexto era outro. Então o movimento feminista se fazia, pelo menos na Europa, em países como a França, a Inglaterra, as feministas estavam lutando em um contexto de bem estar social, mas aqui no Brasil nós estávamos lutando em um contexto de

uma profunda desigualdade e nós no SOS sempre tivemos consciência disso. Isso é uma coisa, outra coisa é quais são de fato os sujeitos que trazem legitimamente as causas. Então eu considero que o movimento feminista, assim como qualquer movimento social, é de fato um movimento, algo que se constrói no processo, algo que se democratiza, você lança todas as questões e daqui a pouco chegam novos sujeitos e dizem: “Bom, mas essa questão não encerra a desigualdade”. Então é um processo, para mim, dialético, enfrentar as várias contradições que as mulheres vivem – que não é só uma contradição de gênero, mas ela está de fato imbricada aí por questões de classe, por questões de raça, por uma dominação heterossexual.

L.O. – Muito bem. Muito obrigada. Tivemos uma boa aula. [risos]

[FIM DO DEPOIMENTO]